O USO DA MÍDIA IMPRESSA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA[1]

Mari Elizabeth Fernandes Pereira[2]

Josiane Kroll[3]

RESUMO

O processo aquisição da escrita nos anos iniciais da vida escolar de uma criança acontece de forma individual e no seu tempo. O processo passa por níveis decisivos na aprendizagem cabendo ao professor acompanhar como mediador do processo e criador de um ambiente de aprendizagem, que ajude a criança a avançar na habilidade de escrever. A mídia impressa como apoio pedagógico proporciona um ambiente de aprendizagem, e interação e colaboração na aquisição da escrita. Dessa forma, este artigo apresenta e discute as diferentes abordagens da mídia impressa no processo da aquisição da escrita na Educação Básica. São identificados métodos de ensino da escrita utilizados atualmente e como a mídia impressa pode ser aplicada em sala de aula de forma a trazer melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem. Os resultados desse estudo contribuem para a elaboração de novos métodos de ensino e para contextualizar o uso da mídia impressa em sala de aula como recurso pedagógico.

ABSTRACT

The writing acquisition process in the early years of a child's school life happens individually and on its time. The process passes through decisive levels on learning, being up to the teacher to follow as a mediator of the process and creator of a learning atmosphere that helps the child to advance on the ability to write. The print media as an educational support provides a learning environment, and interaction and collaboration on writing acquisition. So, this article presents and discusses the different approaches of print media in the process of writing acquisition on Basic Education. Writing teaching methods used currently are identified and how the print media can be applied in classroom in order to bring better results on teaching-learning process. The results of this study contribute to the preparation of new methods of teaching and to contextualize the use of print media in classroom as an educational resource.

PALAVRAS-CHAVE

Mídia impressa; Educação básica; Métodos de ensino-aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Na abordagem da aquisição da escrita e como esta se processa, tem-se a intenção de expor a complexidade de como se apresenta na vida dos alunos tornando-se fundamental a sua aplicabilidade para a cidadania. Pois, à medida que começa a escrever abrem-se diferentes caminhos de pensar, gerar registros e amplia-se para o mundo. Dentro dessa perspectiva da aquisição da escrita, a escrita não é meramente tratada como uma habilidade técnica a ser ad-

---

[1] Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

[2] Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

[3] Professor Orientador, Mestre, Universidade Federal de Santa Maria.

quirida, mas como necessária à ação cultural, à liberdade e ao desempenho de uma consciência critica de cidadania. Aspectos essenciais daquilo que significa ser um agente individual e socialmente construído.

O material impresso é uma das mídias com maior presença em todos os contextos de aprendizagem, aprender a utilizar como elemento integrado ao cotidiano escolar é o nosso propósito, ao oferecermos uma reflexão e uma abordagem didática sobre as diversas formas de sua utilização na aquisição da escrita.

Nesse sentido, este estudo aborda os aspectos referentes à aquisição da escrita na educação básica e a contribuição das mídias impressas na aquisição da mesma. Também apresenta dados de uma pesquisa bibliográfica na qual são introduzidas diferentes abordagens que contribuem para entender o processo da aquisição da escrita na educação básica e as mídias impressas como recurso de apoio pedagógico. Esse artigo está organizado da seguinte forma: a seção 2 aborda os principais conceitos desse artigo, apresentando o referencial teórico. Na seção 3, os resultados obtidos com a revisão bibliográfica são apresentados e uma análise inicial é realizada. Na seção 4 é realizada a discussão dos resultados obtidos. Por fim, na seção 5 são apresentadas as conclusões obtidas com a realização desse trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A ESCRITA

Com a evolução do mundo, o homem sentiu necessidade de criar algo que registrasse a oralidade do presente para o futuro, embora esse futuro estivesse bem próximo (MERCADO, 2002).

Sendo a escrita uma técnica de preservação, seu compromisso tem direção do futuro, o que se escreve no presente, muitas vezes, esse futuro é imediato ou quase, sendo a prevenção pretendida muito curta. Outras vezes, esse futuro pode até ser infinito e a leitura acaba por adquirir uma função histórica em relação à época em que o texto foi escrito, não ao passado anterior.

Os egípcios foram uma das primeiras civilizações a adotar a escrita como disciplina escolar, o aprendizado da escrita estava impregnado de magia. Thot, o deus da sabedoria na mitologia egípcia havia criado o sistema da língua escrita e presenteado ao homem com esse novo saber. Os escribas são detentores desse conhecimento e responsáveis por ensiná-los aos jovens. Formavam a casta mais poderosa da sociedade e exerciam grande influência sobre

os faraós e a sociedade como um todo. Foi graças ao seu rigor que os antigos egípcios puderam registrar sua história, sua medicina, gastronomia, astronomia e literatura (PEREIRA, 2002).

A originalidade e a complexidade dessa escritura contêm três tipos de signos: os pictogramas (desenho representando coisas ou seres, aliados a uma combinação de signos exprimir idéias), os fonogramas (desenhos que representam sons) e os determinativos (os signos que permitem saber a que categoria pertencem as coisas e seres em questão.

O alfabeto latino surgiu a partir da invenção do alfabeto fonético dos fenícios e com a adaptação deste pelos gregos nos séculos V e VII a.C.. O alfabeto latino, que se distingue de outros sistemas de escrita por permitir escrever tudo que se desejar como uma pequena quantidade signos (PEREIRA, 2002).

No Brasil, os jesuítas foram os primeiros alfabetizadores, e fundaram, na Bahia, a primeira escola de literatura, escrita e religião. O ensino inicial da literatura era associado à religião, com muito rigor.

A aquisição da escrita de hoje, já é vista como um processo que requer tempo, paciência, esforço, uma ação pedagógica que esteja voltada aos interesses e anseios do sujeito. E também que o texto que se consiga escrever, seja o contexto da realidade na busca de soluções dos desafios da vida em comunhão (PEREIRA, 2002).

Portanto, é necessário o acompanhamento do professor à criança visando a ajudá-la ultrapassar de uma fase para outra, procurando diagnosticar a fase seguinte, para poder oferecer condições para que construa sua própria escrita como uma conquista de liberdade e cidadania.

2.2 O PROCESSO DA ESCRITA

A trajetória que toda a criança percorre, para compreender o processo de aquisição da leitura e escrita está exposta na teoria de Piaget. Esta não é uma pedagogia, nem uma didática. No entanto, sabe-se que essa teoria fornece fundamentos, tantos teóricos, como práticos ou didáticos, pelos conhecimentos que podem ser construídos sobre o desenvolvimento da criança.

Segundo Pereira (2002), as teorias Piagetianas através das correntes epistemológicas, explicam como se processa a aquisição do conhecimento, as quais têm nos dado sustentação às práticas pedagógicas desenvolvidas com as crianças, e entendendo melhor a aquisição do conhecimento para a escrita. As correntes epistemológicas estão descritas da seguinte forma:

a) Empírica – o sujeito é visto como uma tábua rasa a qual se imprime os conhecimentos valores e atitudes. A aprendizagem é concebida como uma resposta a estimulação do meio.

b) Inatista – a experiência empírica nada mais faz do que atualizar o desenvolver a potencialidade do que já se encontram no sujeito como estruturas mentais inatas.

c) Construtivismo interacionalista – esta concepção contrapõe-se que o conhecimento não é apenas uma coleção de informação, mas como uma coerência interna que permite a compreensão da informação. Não há, pois, predominância de um ou de outro aspecto, uma vez que, através de uma ação, o sujeito interage com a realidade construindo e transformando-o em reciprocidade. Nessa concepção, os conteúdos e as atividades escolares são mediações provocativas de desequilíbrios e de momentos de equilibração (estabilidade provisória na interação do sujeito com a realidade) (PIAGET, 1978).

Das correntes citadas, percebe-se que o construtivismo interacionalista é a mais indicada e acessível proposta de como se processa o conhecimento e de como a escrita deve ser oferecida à criança. Através de uma forma natural de aprendizagem, como qualquer habilidade que precise e faça parte da realidade e necessidade de cada um, pois é através da escrita que expressamos os nossos verdadeiros sentimentos.

À medida que a criança começa a escrever abrem-se caminhos diferentes de pensar, gerar registro e ampliar-se para o mundo. Segundo Rego (1985):

> O domínio desse sistema complexo de signos fornece novo instrumento de pensamento na medida em que aumenta a capacidade de memória, registros e informações, propicia diferentes formas de organizar a ação e permitir outro tipo de acesso ao patrimônio da cultura humana que se encontra registrado nos livros e outros portadores de texto.

Para que a criança adquira esse domínio complexo da escrita, precisa passar por níveis decisivos na aprendizagem. Esses níveis significam a trajetória que toda a criança percorre, desde suas concepções do que é a escrita, até chegar à alfabetização.

Ferreiro (1985) analisando a língua escrita caracterizou estes níveis: pré-silábicos, silábicos, silábico-alfabético e alfabético. Sendo que, mais adiante, sentiu necessidade de acrescentar níveis intermediários.

O nível pré-silábico caracteriza-se pelo o fato da criança ainda não estabelecer uma relação necessária entre a linguagem falada e as diferentes formas de suas representações acreditando que se escreve com desenhos. Antes que a criança compreenda que as letras representam a língua falada, ela faz experiências com imagens gráficas, associa as imagens à

capacidade de expressar, aspectos do real e nem desconfia que com letras pode-se fazer o mesmo. Neste nível, a criança segue seu processo supondo que as letras podem estar associadas a palavra inteira, por exemplo (a minha letra é a letra do meu nome) ela levanta hipóteses de que um página inteira de letra pode corresponder a uma palavra e começa a se questionar sobre o significado dos sinais escritos.

No nível silábico começa a surgir nova hipótese para cada sílaba e julga necessário ter pelo menos uma letra. Define-se o nível silábico pela segmentação quantitativa das palavras em tantos sinais gráficos quantos são as vezes que se abre a boca, para pronunciá-las. Como pré-requisito, a construção de que uma palavra é escrita sempre da mesma maneira com as mesmas letras e nunca com a mesma ordem. A culminância desse nível é que a criança se dá por conta de que as palavras são estavelmente construídas. Essa culminância é alcançada através das experiências de conhecimentos da escrita global de certo número de palavras, sendo indispensável, portanto que a criança guarde na memória um conjunto de palavras que lhe propicie a idéia de estabilidade de sua escrita. A conquista dessa estabilidade se faz por meio de um trabalho amplo com a escrita de muitas palavras significativas. Percebe-se que nesse nível, a criança começa a aprender que tudo o que se diz, pode-se escrever; vinculando a pronúncia à escrita, encontra problemas de conciliar a segmentação de palavras dissílabas e monossílabas com a hipótese da quantidade mínima acrescentando letras para torná-las verdadeiras.

Portanto, conclui Pereira (2002), que para uma criança chegar à estabilidade da escrita de palavras, ela necessita superar a concepção de que cada ente é representado por uma escrita individual. Ela descobre também que dois nomes iguais, embora de pessoas diferentes escreve-se da mesma maneira. Dentro desse contexto, faz parte a procura da explicação de que sua letra é também inicial de outros nomes; analisa sons, tanto sobre as iniciais com o sobre o desmembramento oral das palavras em silabas, constitui-se à porta de entrada para a manipulação pronúncia-escrita.

No nível Silábico Alfabético a criança questiona o que vinha pensando e percebe que as escritas dos adultos possuem mais letras que as suas. E a impossibilidade de ler o que se escreve por outros já alfabetizados leva a criança a abandonar a associação que cada sílaba oral corresponde a uma letra escrita. Nesse nível, passa então a acrescentar, a escrita silábica, um grande número de letras. Nesse momento, parece regredir ao pré-silábico. Porém, trata-se de mais um momento do processo a que se denomina; percebe que uma grafia para cada sílaba não é suficiente, começa a escrever alfabeticamente algumas sílabas e para a escrita dos

outros, permanece silábica descobrindo que a sílaba não é mais uma unidade, mas que se compõe de partes menores.

O nível Alfabético surge a hipótese coerente de uma correspondência relativa entre o fonema e o grafema, representando o ingresso no mundo da aquisição da escrita. Salienta-se que ter compreendido a formação alfabética da escrita não implica necessariamente no reconhecimento do valor sonoro convencional das letras escritas. Uma criança pode estar alfabética, reconhecendo pequeno ou grande número de letras. Por isso, continuar trabalhando esse reconhecimento é importante e necessário mesmo para as alfabéticas. Também é importante salientar que somente no nível alfabético, há vinculação mais coerente conseguindo ser estabelecida entre leitura e escrita, até então, tinham laços esporádicos.

Finalmente, nesse nível, a criança generaliza todas as sílabas como sendo como sendo composta por duas letras; emenda palavras ou separa em parte; compreende as sílabas complexas, os encontros consonantais, sendo fruto do esforço lógico e não da memorização.

3 MÍDIA IMPRESSA NO PROCESSO DA AQUISIÇÃO DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A mídia impressa é um recurso de aprendizagem que está disponível para muitos alunos e professores. Buscando entender como a mídia impressa é utilizada na aquisição da escrita na Educação Básica, esta seção apresenta os métodos de ensino da escrita utilizados atualmente, os processos de aquisição e níveis de aplicabilidade e como a mídia impressa pode ser utilizada para a aquisição da escrita.

3.1 MÉTODOS DE ENSINO DA ESCRITA UTILIZADOS NA ATUALIDADE

A discussão sobre métodos de alfabetização faz parte do campo educacional desde que a escola se tornou uma escola popular ou escola de massa (BRASLAVSKY, 1992).

Quanto aos métodos de alfabetização, se consolidam com os ideários gerais que dão a sustentação para desenvolver os conteúdos específicos da linguagem a serem oferecida as crianças, na aquisição da escrita. As formas de ensino acabam oscilando entre os métodos:

- Sintéticos
- Analíticos
- Global

Os métodos Sintéticos são aqueles que ensinam a partir de letras, sílabas e sons, que vai das partes para o todo. Essa tendência compreende o método alfabético que toma por unidade a letra; o método fônico que toma por unidade o fonema e.

O método Silábico que toma um segmento fonológico pronunciável, que é a sílaba. A opção a um caminho para sistematização das relações fonema, grafema a letra, o fonema ou sílaba, é que torna diferente o modo em torno das correspondências fonográfico.

O método Alfabético ou de soletração é um dos mais antigos e há menções desde a antiguidade (ARAUJO, 1995) A sua aplicação é uma sequência modelar, a decoração oral das letras do alfabeto, o reconhecimento posterior em pequena seqüência de todo o alfabeto e, finalmente de letras isoladas. Em seguida a decoração, que em geral privilegiam. O sentido do ouvido na relação com os sinais gráficos e os exercícios de leitura em voz alta e o ditado, a transformação da fala em sinais gráficos.

No método Fônico, começa-se ensinando a forma e som das vogais. Depois as consoantes, estabelecendo entre elas relações cada vez mais complexas. Cada letra e apresentada com um som, que junta com outro que podem formar sílabas e palavras, segundo a escolha dos sons devem escolher por os mais fáceis para os mais complexos. Na organização da aquisição da escrita, a ênfase na relação som letra é o objetivo principal. Isso porque se ensina diretamente a relação da fala com a escrita. Para despertar o interesse das crianças difere de uma atividade a outra a maneira de apresentar os sons: a partir de uma palavra significativa, um personagem, a imagem, onomatopéia ou de uma historinha para dar sentido aos fonemas.

O método silábico: a principal unidade a ser apresentada para ser analisada pelas crianças é a sílaba, começando das mais simples as mais complexa, geralmente através de palavras- chaves em famílias silábicas. Sendo possível formar outras palavras e frases, apenas com as sílabas conhecidas.

Os Analíticos iniciam-se do todo para as partes e buscam radicalmente não usarem como ponto de partida a decifração. Levando a compreender, e defender o inteiro do fenômeno da língua e dos processos de percepção infantil. Esse método analisa palavras, frases e o texto e acredita-se que baseado no conhecimento global tendo como partida, as crianças podem realizar avanços de análise de unidade que dependendo do método (global de contos, setenciação ou palavração) vão do texto à frase, da frase à palavra, da palavra à sílaba.

Para Soares (1985), Comênio é apontado como introdutor do método da palavração, por volta da segunda metade do século XVII. Geralmente, na palavração as palavras são apresentadas por agrupamento e os alunos aprendem a reconhecê-la pela a visualização e pela configuração gráfica. Os defensores dessa memorização pelo o perfil gráfico acreditavam ser

essa estratégia cognitiva algo natural no ser humano. Em suas aplicações, as figuras podem acompanhar as palavras, no início do processo e sua repetição garante a memorização. Ao mesmo tempo em que são incentivadas estratégias de leitura inteligente, a atenção das crianças pode ser dirigida a detalhes da palavra com letra, sílabas e sons. Essas duas estratégias juntas garantiram o enfrentamento de textos novos.

Na década de 30, no nosso país, aparece a denominação "método global de contos ou de historietas", começando pelo texto. Segundo Braslavsky (1992) organiza um corpo de doutrina partindo dos princípios:

- Princípios do interesse
- Princípio da globalização
- Percepção visual como atividade predominante
- A leitura se faz por idéias e não por sinais gráficos
- A leitura precisa ter um caráter natural que funciona como a aquisição da língua falada.

No método global de contos e historietas, parte do todo no caso, o texto que é lido e relido várias vezes até o reconhecimento das sentenças, seguido do reconhecimento de expressões, de palavras e, finalmente das sílabas.

Assim, percebe-se que há diferentes metodologias e suas contribuições na aquisição da escrita, cada uma no seu tempo, no seu procedimento e na sua realidade. Não há necessidade de mudar radicalmente os métodos para as crianças, pode-se selecionar o que deu certo e incluí-lo, desde que se respeite a cultura e que se faça uma reflexão da língua; isso implica o emprego de metodologias diferentes, o que não se pode é deixar de atuar como mediadores nesse processo.

3.2 PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA E NÍVEIS DE APLICABILIDADE

A trajetória que toda a criança percorre para compreender o processo da aquisição da escrita e sua aplicabilidade está exposta nas teorias dos seguintes teóricos:

- Jean Piaget
- Lev Vygotsky
- Emilia Ferreiro
- Paulo Freire

Aos professores, é de fundamental importância entender todo esse processo, para assim poderem acompanhar, como mediadores do mesmo.

O construtivismo é a aplicação pedagógica dos estudos de Piaget que reformulou em bases funcionais as questões sobre pensamento e linguagem. Ao mesmo tempo, o teólogo, interessava-se por uma visão transformadora da psicogênese, constatada através da interação do sujeito com o objeto. Assim, o desenvolvimento cognitivo desenvolve-se pela assimilação do objeto de conhecimento com as estruturas em função do que vai ser assimilado. A partir do momento em que a criança passa a agir com o objeto ela se apodera do conhecimento sobre ele. Pois aprender para a criança é modificar, descobrir, inventar e com o incentivo do mediador que cria situações, a criança vai construindo significados, então organizados na mente, serão estruturados através da escrita ou oralmente.

Embasadas nas pesquisas de Piaget(1979) sobre a "Psicogênese da Língua Escrita", Ferreiro e Teberosky (1985), marcaram a história do processo de alfabetização, através de investigações científicas, e constataram que a criança é capaz de reconstruir o código lingüístico e refletir sobre a escrita. Continuam desenvolvendo um trabalho sobre a hipótese de pensamento de que a criança pode apresentar a respeito da língua escrita. Essas pesquisas não propõem uma nova pedagogia ou um novo método. Todavia, levam o aprendiz à reconstrução do código linguístico, não é o cumprimento de uma série de tarefas ou o conhecimento das letras e das sílabas, mas a compreensão do funcionamento do código escrito.

O construtivismo na aquisição da escrita não propõe uma prática pedagógica, sua contribuição é essencial para que o educador repense todo o processo de ensino-aprendizagem da linguagem e o funcionamento do código da leitura. A importância de conhecer os diversos conceituais lingüísticos da criança, poder oferecer atividades a ela que possa ajudá-la a construir o conhecimento da base alfabética da escrita.

O sócio- construtivismo é a teoria desenvolvida por Vygotsky (1979) e seus seguidores, a partir de seus estudos sobre aquisição de linguagem como fator social e histórico, enfatizam a importância da interação e da informação lingüística para a construção do conhecimento. Essa teoria traz hoje, em sua estrutura uma divergência das teorias das idéias piagetianas e vi-gotskyanas, enfatizando a construção do conhecimento numa visão social histórica e cultural. Piaget trabalha com os níveis maturacionais, enquanto que Vygotsky (1976) trabalha com a relação aprendizagem- desenvolvimento. Essa teoria apresenta o conceito de "Zona de Desenvolvimento Proximal" como a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento proximal.

Der Veer e Valsiner (1996) salientam que a "Zona de Desenvolvimento Proximal" é um domínio psicológico em constante transformação: aquilo que acriança é capaz de fazer hoje com ajuda de alguém ,conseguirá fazer sozinha amanhã.

O nível de desenvolvimento real, afirma Vygotsky (1986), é uma característica das habilidades intelectuais que a criança já tenha dominado: ele representa as funções já amadurecidas, os resultados de ontem.

A contribuição de Vygotsky (1986), são fundamentais para entender sobre o processo da aquisição da escrita, nesse sentido deixou algumas recomendações importantes. Acreditava ser necessário que as letras se convertessem em elementos da vida da criança tal como o é a linguagem, ressaltando que do mesmo modo que a criança aprende a falar, deve aprender a ler e a escrever. Entende-se na colocação do autor que a ação pedagógica esteja voltada para levar o aluno a uma compreensão interna da língua escrita e é necessário um planejamento que atenda a realidade da criança no processo da aquisição da escrita.

Segundo Freire (1998), o professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situações problemas.

Para Rego (1985), o domínio deste sistema complexo de signos fornece novo instrumento de pensamento na medida em que aumenta a capacidade de memória, registro e informações, propicia diferentes formas de organizar a ação e permitir outro tipo de acesso ao patrimônio da cultura humana que se encontra registrado nos livros e outros portadores de textos.

Ferreiro (1985) analisando os níveis de aprendizagem para aquisição da escrita assim os classificou: pré-silábicos, silábicos - silábico-alfabéticos e alfabéticos. Sendo que mais tarde, sentiu necessidade de acrescentar níveis intermediários (níveis estes já citados no referencial teórico).

Pereira (2002) relata que à medida que a criança começa a escrever abrem-se caminhos diferentes de pensar, gerar registro e amplia para o mundo. Para que a criança adquira o domínio da escrita, ela passa por níveis decisivos no processo da aquisição da escrita, sendo fundamental o acompanhamento do professor nas atividades oferecidas e no reconhecimento dos níveis de aprendizagem.

O processo da aquisição da escrita em nossas crianças acontece de forma individual, cada uma no seu tempo, o social é fundamental, ou seja, ninguém aprende sozinho, uma soma de táticas específicas, tanto em nível de compreensão como da reprodução. E, a medida que a criança interage com objeto constrói seu entendimento. Compreende-se que o ambiente contribui para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social e que reflete no desempenho do processo na vida escolar, então, a criança constrói sua escrita simplesmente a partir de seus esforços, como alguém que possui lacunas, erros e subentendidos. E, que embora não exista uma única maneira de ensinar, o que se percebe é que ela seja apresentada de uma forma em

que se possa mobilizar a atenção, esforços, saberes e prazeres, proporcionando à criança a magia deste ato maravilhoso de conquista. Ainda que não seja um ato findo, a aquisição da escrita torna-se um ato de liberdade e cidadania a qual se desenrola numa aprendizagem constante de um modo continuo e permanente.

Freire (1998) justifica que a alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma dádiva ou uma imposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto e apenas com a colaboração do educador.

3.3 ALTERNATIVAS PARA TRABALHOS COM A MÍDIA IMPRESSA NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA

O esforço para multiplicar os livros durou séculos. Desde os copistas da idade média até o surgimento da imprensa que mantinham as mesmas preocupações: o uso da mesma caligrafia para que um pedaço de um livro não ficasse diferente do outro e a possibilidade de expansão dos conhecimentos. Esses pressupostos contribuíram para que em 1450, na Alemanha, Gutenberg inventasse a imprensa. Com a invenção dos caracteres móveis e da tipografia foi possível a reprodução ilimitada de textos e imagens idênticos. Em vários pontos do mundo, diferentes pessoas poderiam ler as mesmas informações, graças ao processo de impressão. A partir dessa invenção foi aberto o caminho para a popularização do livro, para o desenvolvimento da imprensa e para democratização da educação (E-Proinfo).

As contextualizações dos formatos impressos se apresentam de diferentes modos: citam-se alguns desses como alternativas para o trabalho com mídias impresso na aquisição da escrita:

- Livros didáticos e paradidáticos
- Jornais
- Histórias em quadrinhos
- Propagandas

O livro didático, normalmente, é material mais freqüente no cotidiano escolar do aluno. Esse tipo de livro deve ser fonte atualizada de informações, deve conter textos de boa qualidade e propor atividades interessantes que facilitem a articulação dos conteúdos ao conhecimento do aluno.

Na atualidade, muitos livros deixaram de ser impressos e passaram a ser distribuídos em formato eletrônicos. As leituras eletrônicas dão ao processo da aquisição da escrita uma dimensão completamente nova, e está subordinada a natureza física e visual do meio em

que ela se desenvolve. Esse novo modelo facilita o surgimento de outras estratégicas didáticas para a leitura e a escrita.

O jornal é um mosaico de informações cotidianas das histórias do dia-a-dia. A linguagem do jornal é rica e variada, ele pode ser impresso ou na versão online. A organização de uma proposta de construção de um jornal da classe envolve o planejamento de várias etapas por parte dos alunos e excelente recurso para socializar, pesquisar, escrever textos e meios de convivências.

Com a propaganda, as crianças são extremamente suscetíveis ao seu efeito, se o professor analisar criticamente os textos publicados, terá um bom instrumento em mãos e informação, e também as artimanhas da publicidade, suas armas, qualidades e defeitos. Apropriando-se como gerador de situação de aprendizagem, o professor poderá, ainda, criar em classe uma pequena campanha publicitária a partir de um produto inventado pelos próprios alunos, buscando desenvolver uma série de habilidades na leitura e na escrita. Se o professor analisar criticamente os textos publicados, terá um bom instrumento em mãos, para discutir com seus alunos como uma pesquisa sobre os textos que compõem as embalagens alimentícias, por exemplo, podem ser fonte de conhecimento e informação. Como também, analisar junto com seus alunos que a propaganda pode ser mentirosa e que as leis atuais preveem punições para isso.

Para Furlan (2002), os livros paradidáticos vêm sendo cada vez mais utilizados nas escolas, pois cumprem o papel de aprofundamento conceitual que o livro didático muitas vezes não consegue alcançar. Existem coleções paradidáticas para todas as etapas da escolaridade, que se presta para o desenvolvimento de um trabalho com projetos A leitura, as resenha e os fechamentos têm sido os procedimentos mais difundidos em relação a esses materiais. Algumas coleções paradidáticas têm sido adotadas como substantivos do livro didático.

O professor pode enriquecer o trabalho de leitura e escrita de seus alunos, a partir de uma narrativa em quadrinhos. Pode transformar imagens visuais em textos verbais.

Para Freire (1998), as imagens podem ser variadas, dependendo dos personagens que o autor cria: os textos, por sua vez, quase sempre completam as imagens e, vista de regras serve para estabelecer diálogos entre os personagens; mostra o que um determinado personagem está pensando; introduzir e\ou acompanhar o desenrolar da trama da história, indicando a presença de um narrador; produzir onomatopéias, sons ou ruídos.

Nas histórias em quadrinhos, as crianças conseguem deduzir o significado da historias mesmo não sendo capaz de ler, porque, observando a imagem, entendem a mensagem e\ou os conteúdos abordados. Por esses motivos, as histórias em quadrinhos na sala de aula

podem proporcionar compreensão de conteúdos, e a criatividade, pois as apresentações em figuras são mais interativas.

Aprender a utilizar o material impresso como elemento integrado ao cotidiano escolar é dar oportunidade ao nosso aluno de interagir com os escritos e imagens, é despertar o gosto pela a leitura e escrita, pois quanto mais tiver acesso aos recursos, melhores serão seu desempenho na aquisição da escrita. O professor deve criar um ambiente de aprendizagem com materiais diversificados, utilizando as mídias impressas para dar uma nova ressignificação ao processo do aprender.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Antes de chegar à aquisição da escrita, a criança passa por uma série de fatores internos e externos que vão desencadear essa habilidade. No fator externo, sendo ela o sujeito da sua aprendizagem, ao interagir com o objeto de estudo é capaz de construir todo seu entendimento. Já nos fatores internos, se desenrola todo um processo a um domínio psicológico em constante transformação e nas habilidades intelectuais que a criança tenha dominado com as funções amadurecidas. Todo esse processo têm níveis e etapas decisivos para o desenvolvimento dessa habilidade, sendo fundamental o acompanhamento e sensibilidade dos mediadores que atendem essas crianças. Pois, ensinar exige paciência e eficiência.

Toda criança é única tendo seu tempo, sua realidade, ritmo e visão de mundo. A escola deve estar aberta para recebê-la sendo necessário também estar preparada para atendê-las. A parte afetiva, cognitiva e social precisa estar no planejamento do educado para ressignificar o ensino-aprendizagem, para que o texto que a crianças consigam escrever seja o contexto das mudanças sociais.

A importância de ressaltar o envolvimento das crianças nas atividades pedagógicas de interação em sala de aula é primordial para esse processo. É preciso estar atento para a parte afetiva, possibilitando o desenvolvimento cognitivo e social. O envolvimento entre professores e alunos na construção de um ambiente socializador e de aprendizagem dá sustentação às abordagens metodológicas fortalecendo os princípios da contextualização da natureza reflexiva e de interação em situações de apoio didáticos. .

As mídias impressas são recursos disponíveis e de fácil acesso, tanto para os alunos como para os professores. Quanto mais as mídias forem usadas como recursos pedagógicos e estiverem presentes no dia a dia do contexto escolar, melhores serão os desempenhos na aquisição da escrita, não só pelo fato de conviverem com elas, como também, fonte de pro-

blematizarão ou de incentivo para a leitura e a escrita. As histórias em quadrinhos são um gênero de literatura, ao mesmo tempo, icônica e verbal, que contém uma arte de narrativa em imagem acessível àquelas pessoas que ainda não sabem ler. Seu público abrange tanto crianças como adolescentes e adultos de diferentes níveis socioeconômicos e educacionais. Configura um campo iconográfico rico e vasto. Cabe ressaltar que o professor deve ter cuidado em verificar o material, pois muitas vezes há vícios de personagens, principalmente nas histórias em quadrinho.

Para Freire (1998) as imagens podem ser variadas, dependendo dos personagens que o autor cria. Os textos por sua vez, quase sempre completam as imagens e, via de regra, servem para estabelecer diálogos entre os personagens; mostrar o que um determinado personagem está pensando; introduzir e\ou acompanhar o desenrolar da trama da história, indicando a presença de um narrador; produzir onomatopéia, sons ou ruídos.

O professor pode enriquecer seu trabalho na aquisição da escrita com seus alunos, a partir de uma narrativa em quadrinhos. Pode levá-los a transformar imagens visuais em textos verbais, desenvolvendo habilidades amplas na aquisição da escrita, de uma forma prazerosa e contextualizada tornando-os autônomos de sua expressão e do uso de sua cidadania.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a criança, quando chega à escola, já tem familiaridade com algum meio escrito, sabe que a rodeia e que os adultos o utilizam. A escola que assumiu essa função social tem o desafio de criar ambientes de aprendizagens significativos e desenvolver nas crianças as habilidades para aquisição da escrita. As mídias impressas são um recurso pedagógico que está presente para contribuir nesse processo. A escola deve aproveitar os diversos materiais impressos disponíveis ou acessíveis, tornando o pedagógico mais atraente. Os jornais, histórias em quadrinhos, propaganda, revistas, livros, cordel, mapas e outros, são mídias com maior presença em todos os ambientes de aprendizagens e passam a englobar todos os textos escritos presentes em materiais físicos, como caderno, livro, até a transposição para os contextos digitais e virtuais, passando até um hipertexto. Destaca-se que a mídia impressa pode estar desatualizada, mas que para a escrita não há comprometimento. É de mais fácil acesso que a mídia eletrônica, pois esta depende do computador e da internet na escola. Aprender a utilizar as mídias impressas para a aquisição da escrita deve ser visto com um conhecimento prévio. Toda a criança que tem acesso aprende a interpretar através dos símbolos e imagens. Quanto mais tiverem acesso a esses recursos, melhores serão os desempenhos na aquisição da escrita.

Considerando que a aquisição da escrita é fundamental para o ser humano, mas que não existe uma única maneira de ensiná-la recomenda-se que o professor deve valorizar ao máximo a vivência do aluno e utilizar as mídias, para tornar significativa e prazerosa esse processo. E, à medida que a criança começa a escrever, abrem-se diferentes modos pensar, gerar registro e amplia-se para o mundo.

Na abordagem de aquisição da escrita e como ela se processa, torna-se essencial uma relação dialética entre os seres humanos. Dentro dessa perspectiva, ela não é tratada meramente com uma habilidade técnica, mas como uma construção que envolve esforços, tempo, paciência, saberes e cultura. Ao interagir com o objeto de estudo ela elabora seu entendimento criando e recriando seu conhecimento. Isso exige uma série de fatores internos e externos que precisam ser motivados, desencadeando níveis decisivos na aquisição da escrita sendo fundamental o acompanhamento do professor para ajudá-la na troca de um nível a outro com atividades diversificadas e significativas que a auxiliem nesse processo. Assim, mesmo sendo considerada um ato não findo, a escrita é indispensável ao ser humano para o uso da cidadania socialmente conquistada.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. C. C da S. **Perspectiva histórica da alfabetização**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, (Caderno 367). 1995.

BRASLAVSKY, Berta P. **Problemas e Métodos no Ensino de leitura.** São Paulo: Melhoramento, 1971.

_____. **La querella de los métodos em la ensenãnza de la lectura:** SUS fundamentos psicológicos y La renovacion actual. Buenos Aires: Kapelusz, 1992.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1986.

_____, Emília. **Com Todas as Letras.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 1993

_____. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Cortez, 1998

FURLAN, Sueli A. **A Geografia na sala de aula: a importância dos materiais didáticos**. Brasília: MEC/Seed, 2002.

MERCADO, Luís P. (org). Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática. Maceió: Inep/Edufal, 2002.

PIAGET **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____, **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PEREIRA, Mari Elizabeth Fernandes **O processo de aquisição da escrita**. 2002. 28 páginas. Monografia (Pedagogia) – Programa de Formação para Professores em Serviço - PFPS. URCAMP, São Gabriel, 2002

REGO, L. B. Descobrindo a língua escrita antes de aprender a ler. In: Revista. Brasileira de Estudos pedagógicos. Brasília, jan/abril, 1985.

SOARES, M. As muitas facetas da alfabetização. **Caderno de Pesquisa,** São Paulo, n. 52, 1985.

VEER. R. V. D. & VALSINER J. **Vygotsky**:uma síntese São Paulo:Loyola, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989